

O LUGAR DA TORRE DOS SINOS (CONVENTO VELHO DE S. DOMINGOS), COIMBRA

NOTAS PARA O ESTUDO DA FORMAÇÃO DOS TERRENOS DE ALUVIÃO, EM ÉPOCA MODERNA

SARA ALMEIDA Arqueóloga do Gabinete para o Centro Histórico (GCH) – Câmara Municipal de Coimbra

RICARDO COSTEIRA DA SILVA Bolseiro de doutoramento da FCT. Investigador do CEAUCP

VÍTOR DIAS Bolseiro de doutoramento da FCT. Investigador do CIDEHUS-UE

JOÃO PERPÉTUO Arqueólogo – Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.

RESUMO Em Coimbra diversos registos concorrem para revelar a instabilidade das margens do Mondego que, a partir de Época Medieval, transpõe recorrentemente as plataformas ribeirinhas, em virtude do assoreamento do seu leito.

Testemunham este fenómeno diversos documentos escritos, cartográficos, fotografias e ilustrações, sobressaindo a este respeito o título de *Basófiãs* atribuído, por iniciativa popular, ao rio devido à irregularidade do seu caudal.

A evolução da modelação topográfica da Zona da Baixa é um aspecto fundamental para a compreensão das estratégias de ocupação desta zona da cidade, marcadas pela firme determinação em contrariar as adversidades do meio e investidas das águas.

No decurso de uma acção de arqueologia preventiva, junto à Avenida Fernão de Magalhães, foi possível pôr a descoberto vestígios do Convento Velho de S. Domingos, a cerca de nove metros abaixo da actual cota de circulação.

O pacote estratigráfico circunscrito entre os níveis de formação da referida Avenida (no século XX) e de abandono definitivo do edifício conventual (no século XVI) oferece uma visão privilegiada do processo de sedimentação neste local e por extensão da área circundante.

Pretende-se, por conseguinte, analisar os fenómenos de deposição detectados (antrópicos e aluvionares) e fornecer uma imagem das principais fases de sedimentação que modelaram o terreno ao longo da Época Moderna.

PALAVRAS-CHAVE Rio Mondego, assoreamento, Época Moderna, Convento Velho de S. Domingos

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta da aplicação das medidas de minimização de impacte patrimonial, nomeadamente de Acompanhamento Arqueológico de Obra, referentes ao projecto de construção de – *Edifício de Habitação, Comércio e Parqueamento no n.º 221 da Av. Fernão de Magalhães, Coimbra*, da responsabilidade técnica de dois dos autores (V. D. e R. C. S.).

O empreendimento situa-se em plena “Baixa de Coimbra”, nas cercanias do Mondego (fig. 1) e implicou um “desaterro” de 15 m de profundidade, numa área estimada de 1900 m² (25,6 m x 73,6 m).

No decorrer do acompanhamento da remoção mecânica de terras detectou-se, a nove metros abaixo do nível de circulação actual, um complexo conjunto estrutural, pertencente ao Convento Velho de S. Domingos, na sequência do qual o acompanhamento foi suspenso, para ceder lugar à escavação arqueológica daqueles contextos. Nestas circunstâncias e em virtude da distribuição

das estruturas arqueológicas, o processo de escavação, dirigido fundamentalmente por um dos autores (J.P.) circunscrevu-se à metade oriental do polígono, entre os 12,5 m e os 8,5 m de altitude. Os resultados decorrentes da escavação do complexo conventual, construído no século XIII e abandonado no século XVI, encontram-se em fase de análise, prevendo-se para breve a sua divulgação. Após esta fase de escavação arqueológica o Acompanhamento Arqueológico viu-se retomado.

No presente contexto, centrar-nos-emos nos dados emanados do acompanhamento arqueológico da obra, com especial destaque para os que oferecem uma imagem ilustrativa dos processos de deposição sedimentar, após o abandono do local pelos dominicanos.

CONTEXTO

Em Coimbra, até à regularização do leito do Mondego (na segunda metade do século XX), as margens do rio

eram, amiúde, assoladas por inundações. Testemunham este facto documentos escritos, cartográficos, fotografias e ilustrações, sobressaindo, neste particular, o nome *Basófias*, popularmente atribuído ao rio, devido à irregularidade do seu caudal.

É sobretudo a partir de Época Medieval que se documenta a transposição das plataformas ribeirinhas. Na origem deste fenómeno, de alteração dos processos erosivos e de sedimentação da bacia fluvial, estará a crescente deflorestação, ocorrida a montante de Coimbra, motivada pela necessidade de madeira e da expansão dos terrenos agrícolas, impulsionada pelo aumento populacional (Martins, 1940).

O regime semi-torrencial do rio resultou no abandono de diversos edifícios dos quais se destacam os conventos de Sant'Ana (em 1284), S. Francisco (em 1609), Santa Clara-a-Velha e S. Domingos. Relativamente a estes últimos, a arqueologia revela como as tentativas para contrariar e retardar a trasladação das instalações (materializada em transformações do espaço edificado e sucessiva elevação dos pisos) se revelaram ineficazes face aos episódios de inundação.

A este propósito, Frei Luiz de Sousa (*apud* Ruas, 1934-1936, p. 56) na sua *História de S. Domingos*, apresenta um quadro vibrante dos acontecimentos e da identificação das suas causas. Conta-nos como o rio, no século XIII, "corria fundo, e alcantilado" e "Sendo corridos trezentos anos da fundação, vierão a ser tam grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o Convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguirão annos invernosos, continuarão, e crecerão as agoas com novo mal, que foy trazerem consigo grande poder de areas, e cegarem com ellas a madre do rio (...) e a força da agoa começou a lançar as areas por cima das mais altas margens, senho-reandose do campo, e entupindo cerca e officinas. (...) ajuntavase ao mal dos dilúvios, que as agoas de muito tempo encharcadas deixavão o Convento apaulado: e quando com o verão vinha a enxugar, era somente na face da terra: e ficava do interior lançando vapores que causavão graves doenças."

Já a compreensão do fenómeno, pelo religioso, é notável e brilhantemente exposta: "A causa de tanto mal sabida he (...) Chega a cobiça, ou a multidão e necessidade dos homens a não deixar palmo de terra, que não rompa. Em tempos muito antigos erão invioláveis as costas, e ladeyras que cahião sobre os rios, com medo do que oje se padece, e como cousa sagrada estava a cargo de se guardarem à conta dos melhores do Reyno. Lembrasse ouvir aos velhos, que receberão dos mais antigos, (...) Faz perder os campos muyto largos, e muito proveitosos, o querer aproveitar montes pola mayor parte esteriles, ou pouco fructiferos: achão

as invernadas a terra bolida, levãona ao baixo e ficão despídos os altos até descobrirem os ossos, que são as lageas, e penedias, do centro, e assi ficão os campos perdidos, e os montes não dão proveito" (*ibidem*).

Na continuidade destes acontecimentos, o alagamento das margens e subsequente acumulação de depósitos impuseram a alteração da topografia da baixa da cidade, com o alteamento de terreiros e arruamentos, a edificação de muros de retenção e o declínio do aglomerado como entreposto fluvial (Tavares, 1999, p. 277). Assim e a "despeito de Regimentos, Provisões, Cartas-Régias" com vista à contenção do assoreamento, os efeitos das cheias persistem em fazer-se sentir ao longo da centúria de setecentos, sendo a paisagem então marcada por campos alagados de areias e um curso fluvial espraído por múltiplos braços e pontuado por ísuas (Ibid. p. 277-278).

Efectivamente, o estudo da evolução da modelação topográfica da Baixa revela-se fundamental para a compreensão das estratégias de ocupação desta zona histórica da cidade, marcada pelo desafio de resistir à repulsão das cheias mondeguias. Em termos geomorfológicos, este corpo aluvionar ou coluvionar, integra-se nos depósitos quaternários congéneres das "Areias Vermelhas do estádio" tributário não só do Mondego, como aparentemente da linha de Ribela que ocupa a Falha a Norte da zona da "Alta" (Cunha [et. al.], 1999, p. 24).

Se atentarmos no traçado e perfil do Mondego, em frente à colina, o rio desenha um percurso pronunciado, que parece resultar de uma imposição tectónica, originando vertentes com arqueação côncava ou plana. Este é precisamente o ponto de transição entre o sector a montante, onde o curso é jovem, bem contido em meandros apertados e a jusante onde começa a alargar através do largo plaino fluvial, onde corre nos terrenos que depositou (Tavares, 1999). Ou seja, o fenómeno que pretendemos enquadrar situa-se precisamente no ponto de transição entre o *rio de montanha*, na sua fase de virilidade e o *rio de planície*, na sua fase de velhice, onde este perde a sua capacidade erosiva em detrimento do maior poder de transporte que adquire. Este novo curso, compreendido na orla mesozóica, é marcado pela diminuição da inclinação do leito, aumento do volume de águas e atulhamento do álveo pelas aluviões carregadas pelo rio (Martins, 1940, p. 86).

Neste sentido, é interessante observar o resultado do perfil de sondagens realizadas nos depósitos aluvionares entre a igreja de Santa Clara-a-Velha e o encosto direito da ponte na Portagem (Tavares, 1999). Este estudo efectuado num ponto relativamente próximo e que, portanto, tomamos como referência, dá-nos uma imagem da evolução da dinâmica fluvial à passagem pelo núcleo histórico de Coimbra. Aí, sobre o substrato

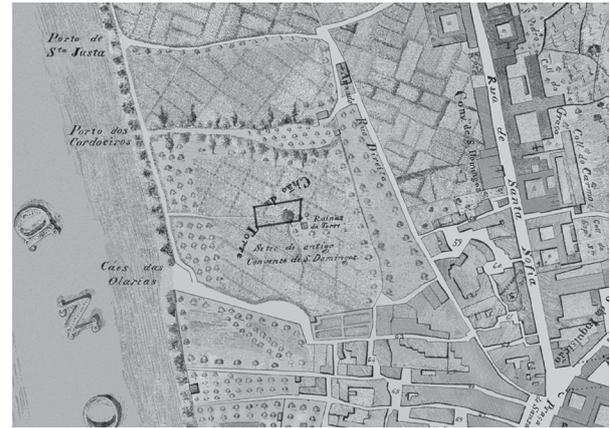


1. Localização da intervenção na planta topográfica de Coimbra.

rochoso, constituído por níveis margosos e carbonatados, assentam depósitos de terraço, assim como coluviais e corpos aluvionares (arenosos grosseiros a médios – C1) colmatando o canal principal do rio. À medida que nos afastamos da margem esquerda, em direcção ao eixo fluvial, regista-se um aumento da espessura aluvionar sob o actual canal activo do rio. Seguem-se corpos areno-lodosos com lenticulas arenosas, onde se instala um ambiente apaúlado (C2). Sobre estes (C1 e C2) estabelecem-se areias grosseiras a médias com seixos, correspondentes à acreção do canal activo (C3). E finalmente, na plataforma da margem esquerda, verifica-se a acumulação de material de vertente e de origem antrópica (Ibid, p. 238).

A COLMATAÇÃO DO LUGAR DA TORRE DOS SINOS

Neste contexto de transformação da microtopografia da Baixa de Coimbra, o exercício de sobreposição da localização do empreendimento na cartografia antiga da cidade, nomeadamente na Planta Topográfica de Coimbra de Isidoro de 1845 (fig. 2), é bastante elucidativo deste processo de colmatção ribeirinha, fornecendo indícios significativos de realidades pré-existentes evocadas pela persistência da memória toponímica. Assim, como podemos constatar, o referido polígono de intervenção incide num terreno estremado pelo Porto dos Oleiros, Cais das olarias e Rua Direita, ao centro do qual se vislumbra uma pequena construção quadrangular e onde se podem ler as seguintes designações: *Chão da Torre, Ruínas da Torre e Sítio do Antigo Convento de S. Domingos*. Ou seja, até meados do século XIX, a memória da primitiva casa dominicana e o reconhecimento da sua localização ainda se encontravam perfeitamente presentes. A este respeito, talvez só muito recentemente, com a abertura da Avenida Fernão de Magalhães, na primeira metade do século XX (Nunes, 2003, p. 67-70) e a urbanização des-

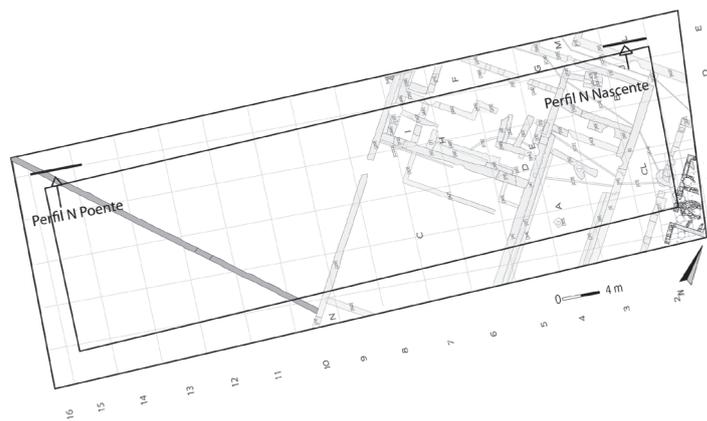


2. Sobreposição do polígono de intervenção no Excerto da Planta Topográfica de Coimbra de Isidoro (1845).

cuidada desta zona, se tenham perdido todas as referências (toponímicas e paisagísticas) do antigo convento. Tendo em conta o exposto, não obstante as indicações da elevada colmatção aluvionar desta zona e da suspeita da proximidade do Antigo Convento de S. Domingos, não foi sem surpresa que, durante o Acompanhamento Arqueológico, nos deparámos com os restos deste edifício medieval a 9m de profundidade relativamente ao nível de ocupação actual (fig. 3). Posto isto, afigura-se-nos de grande interesse, para quem se debruça sobre as questões da evolução urbana e topográfica desta área, a publicação dos perfis estratigráficos gerais de referência registados no acompanhamento da obra em questão (fig. 4). Os referidos perfis (fig. 5) foram progressivamente elaborados, à medida que se desenrolou o desaterro da área destinada a albergar o parque de estacionamento subterrâneo de 5 pisos, e ilustram as camadas mais representativas do registo sedimentar identificado. Nestas circunstâncias, reuniram-se as condições para detalhar a constituição dos depósitos sedimentares modernos e ancorar cronologicamente os prin-



3. Aspecto geral da escavação do Convento Velho de S. Domingos.



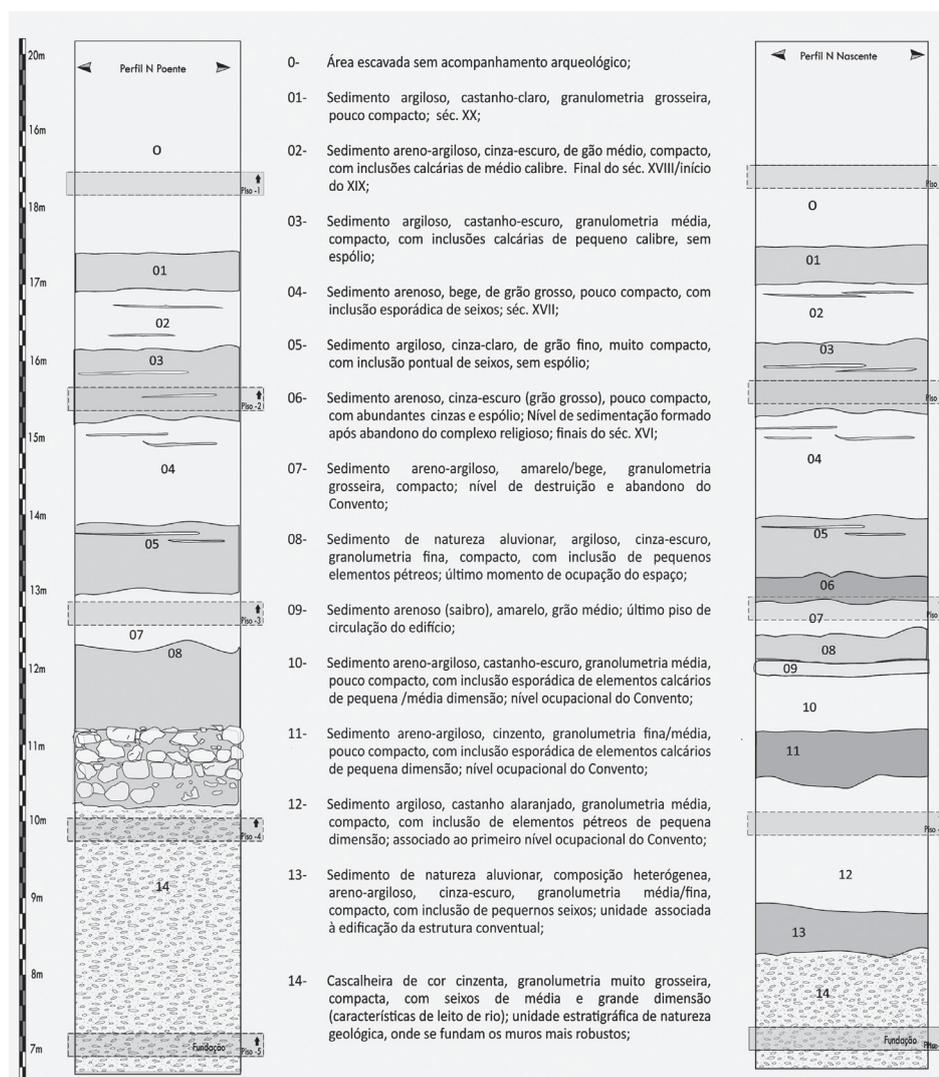
4. Planta da zona de intervenção com indicação da localização dos perfis apresentados.

cipais momentos de colmatação neste local (tendo em consideração o espólio exumado), complementando assim os perfis de natureza geotécnica que dispúnhamos para este local.

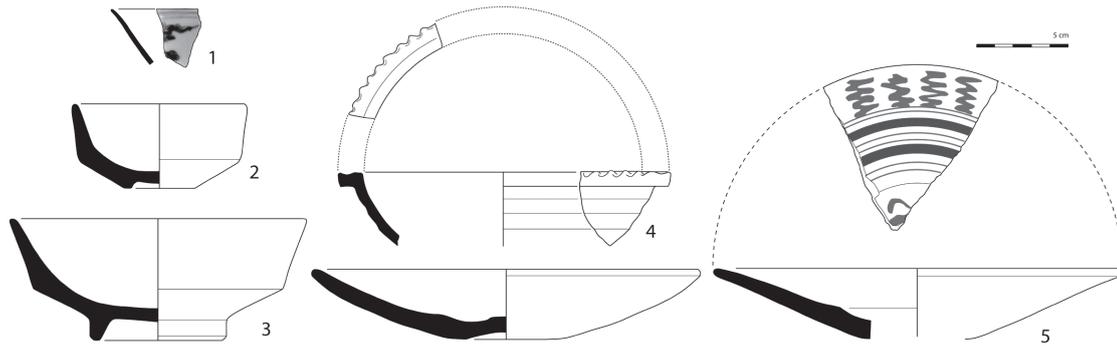
A análise sumária dos perfis estratigráficos (fig. 5) aponta para a sobreposição de um corpo lodoso, onde se firmam os primeiros níveis de ocupação antrópica detectados, assente em depósitos de terraço ou colu-

viais, constituídos por um corpo conglomerático de seixos e calhaus (14).

Segue-se o horizonte estratigráfico relacionado com as diversas fases ocupacionais do Convento (13 a 07), re-matado pelo respectivo nível de destruição e abandono. Sobre este, figura um corpo aluvionar (06) formado imediatamente após o abandono do local e que a análise do espólio associado permite fixar nos finais do sé-



5. Perfis estratigráficos da área de intervenção.



6. Cerâmicas exumadas na camada o6: 1 – Porcelana chinesa; 2 – Malga; 3 – Escudela; 4 – Tigela vidrada; 5 – Pratos.

culo XVI. Uma porção considerável do espólio recolhido nesta unidade estratigráfica correspondia a produções de barro vermelho, sob a forma de taças, panelas e tampas, registando-se igualmente a ocorrência de recipientes vidrados (potes e taças). O grupo numericamente mais expressivo do conjunto corresponde, contudo, à louça de mesa esmaltada de pastas bege-amareladas,

maioritariamente sem pintura, com francos paralelos nas produções sevilhanas. Neste lote pontuam os pratos com fundo em ônfalo, as escudelas e as malgas carenadas (fig. 6). A presença de porcelana chinesa da dinastia Ming vem consolidar a proposta de datação de finais do século XVI atribuída a este estrato. Sucede-se a alternância de camadas de aluvião, de matriz



7. Cerâmicas exumadas na camada o4: 1 – Testo; 2 – Pratos; 3 – Prato de majólica de azul sobre azul; 4 – Faiança; 5 – Sertã; 6 – Tacho/Caçoila; 7 – Almofariz; 8 – Taças; 9 – Bacia/Alguidar; 10 – Panelas; 11 – Potes; 12 – Cântaro e Bilha; 13 – Fogareiro; 14 – Caixa circular; 15 – Bases discoidais; 16 – Trempeis.

lodosa e estéreis (compatíveis com períodos de inundação prolongada) com níveis de assoreamento, arenosos e com espólio associado. Com efeito, após a deposição de estrato lodoso (05) regista-se uma camada de areias finas e limpas (04) que se destaca por encerrar uma elevada quantidade de peças, relativamente bem conservadas e não raras vezes com perfis completos, que revelam uma assinalável diversidade morfo-tipológica (fig. 7).

Entre a panóplia formal detectada distinguem-se dez grupos funcionais: recipientes de cozinha (panelas, sertãs e caçoilas, almofariz), de mesa (tigelas, taças ou escudelas e pratos), de cozinha/mesa (púcaros), de armazenamento (potes), de armazenamento/mesa de líquidos (cântaros, bilhas e jarro), de higiene pessoal (alguidares, bispotes), contentores de fogo (candelas e fogareiros), de tampas/testos, peças de apoio à produção oleira e cerâmica de revestimento (azulejos). Sobressai do conjunto, em termos numéricos, a cerâmica doméstica comum em barro vermelho, apresentando por vezes vidroado (no caso de sertãs, panelas, alguidares e taças). Relativamente à cerâmica esmaltada, assinala-se a presença de pratos (incluindo majólica de azul sobre azul), escudelas e tacinhas (algumas das quais deformadas e com imperfeições ao nível do esmalte), bem como de peças em chacota, que se afiguram como produtos de descartes.

Associadas a estas ocorrências provenientes de descarte, regista-se a recolha de peças relacionadas com estruturas e contextos de produção de cerâmica. Enquadram-se neste contexto os fragmentos de grelha de um forno cerâmico, bases discóidais, trempes e um fragmento de caixa circular sem fundo, com perfurações laterais para encaixe de cravilhos. No caso das trempes, assinalam-se variantes ao nível do formato e pasta que acusam a variedade das peças manufacturadas. A ocorrência destes materiais é facilmente relacionável e por conseguinte reportável às olarias instaladas nas imediações e cristalizadas ainda na toponímia actual (rua dos Oleiros).

Em suma, o espólio proveniente deste nível (04) encontra paralelos em contextos renascentistas por todo o território nacional. Devido ao seu posicionamento e ao material exumado somos tentados a fixar a cro-

nologia deste depósito no século XVII. Não obstante, reafirma-se que, na sua generalidade, este conjunto cerâmico se enquadra na cultura material quinhentista à excepção de um muito reduzido número de fragmentos de faiança (fig. 7, n.º 4) cuja produção poderá remeter para a primeira metade do século XVII.

De seguida, volta-se a registar a presença de um estrato de aluvião estéril, indicador de um significativo período de submersão (03), coberto por um depósito de areias associado a um momento de intenso assoreamento (02). Desta, por sua vez, destaca-se a recolha de uma taça hemisférica, em faiança, com marca a vinoso, no fundo e ao centro com um "S" e um "F" sobrepostos, associada a fabricos de Massarelos, posteriores a 1786, (Queirós, 1987, p. 286, n.º 284). Informação que abre a possibilidade deste estrato datar de inícios do século XIX.

NOTA FINAL

A estratigrafia apresentada permite, não só corroborar a cronologia de abandono definitivo do Convento Velho de S. Domingos, como projectar um cenário da evolução topográfica desta zona ribeirinha do Mondego ao longo de Época Moderna, devido à sua associação a lotes artefactuais bastante coerentes em termos cronológicos.

Assim, dos dados expostos, sublinha-se o acelerado processo de sedimentação verificado após o abandono definitivo do local em finais do século XVI (camada 06). Posteriormente, é possível enquadrar o mesmo fenómeno materializado em níveis de assoreamento do século XVII (camada 04) e ainda de finais do século XVIII / inícios do século XIX (camada 02). Estes episódios derivam da já referida degradação das vertentes do Mondego e da ausência de qualquer mecanismo de retenção das águas ribeirinhas neste local.

Por último, destaca-se a natureza do espólio recolhido na camada 04 reportável à actividade desenvolvida no bairro das olarias que se encontra adjacente. Esta realidade transparece na colecção cerâmica recolhida que ilustra modelos de louça, essencialmente de mesa e de cozinha, de produção local coimbrã recorrentes no século XVI e inícios do século XVII.

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, L. [et. al.] (1999) – O "Julgamento" geomorfológico de Coimbra – O testemunhos dos depósitos quaternários. *Cadernos de Geografia*. Coimbra. p. 15-29. Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra.

GOMES, S. (2006) – A Igreja de S. Domingos de Coimbra em 1591. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. XXXIX, p. 377-396.

MARTINS, A. F. (1940) – *O esforço do Homem na bacia do Mondego*. Coimbra.

NUNES, M. (2003) – *Ruas de Coimbra*. GAAC. Coimbra.

QUEIRÓS, J. (1987) – *Cerâmica Portuguesa e outros estudos*. Lisboa.

RUAS, H. F. (1934-1936) – Estudos sobre o Mondego. *Anuário dos Serviços Hidráulicos*. p. 45-141.

TAVARES, A. (1999) – *Condicionantes físicas ao Planeamento - análise da susceptibilidade no espaço do concelho de Coimbra*. Centro de Geociências da Universidade de Coimbra.